

## ENTRE FAUSTO E PROMETEU

Paulo Ferreira da Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:** As representações comuns sobre a intelectualidade não são muito lisonjeiras. O que é também prova da incapacidade dos intelectuais para seduzirem as massas, lutando contra uma desleal concorrência da facilidade e do hedonismo. Mas não haverá ainda mais culpas entre os intelectuais? Não estarão alguns deles (dando má fama aos demais) a ocupar-se de frivolidades e a fazê-lo de forma frívola? Fáustico e prometeico são qualidades e estilos eventualmente assumíveis por protagonistas sociais, políticos, intelectuais. O fáustico parece estar mais preocupado consigo: é um intelectual típico, é até “doutor”. O prometeico é como que humanitário, socialmente voluntarista. Assim seguindo uma e outra atitude as personagens míticas que lhes deram o nome. Será que, entretanto, poderá haver um modelo de intelectual sem pacto com o demónio e sem sofrer de castigo eterno?

**Palavras-Chave:** Fausto, Prometeu, Tales de Mileto, Intelectuais, Contemporaneidade, Cultura

**Abstract:** Common representations of intellectuality are not very flattering. Which is also proof of the inability of intellectuals to seduce the masses, fighting against unfair competition from ease and hedonism. But won't there be even more blame among intellectuals? Aren't some of them (giving others a bad name) busying themselves with frivolities and doing so in a frivolous way?

Faustian and Promethean are qualities and styles eventually assumed by social, political and intellectual protagonists. The Faustian seems to be more concerned about himself: he is a typical intellectual, he is even a “doctor”. The Promethean is like a humanitarian, socially voluntarist. Thus following one attitude and another the mythical characters that gave them their name. Could there be, however, a model of an intellectual without a pact with the devil and without suffering eternal punishment?

**Keywords:** Faust, Prometheus, Tales of Miletus, Intellectuals, Contemporary times, Culture

*Qu'est-ce qu'on va faire de tous ces bacheliers?*

*On a aussi besoin de boulangers!*

François Mitterrand<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (funções suspensas para o exercício da magistratura).

<sup>2</sup> *Apud* ATALI, Jacques — *C'était François Mitterrand*, Paris, Fayard, 2005, p. 135. Não conseguimos resistir a esta decerto surpreendente memória-citação. As padarias foram sofrendo uma evolução profunda (no Brasil, tornaram-se algumas, e frequentemente nas mãos de portugueses ou luso-descendentes, verdadeiros restaurantes, para além da produção e venda do pão e afins). Rondava no nosso espírito a ideia de que muitas profissões escasseiam hoje (pela atração de empregos menos duros, mais limpos e citadinos, ou de teletrabalho e por um complexo que privilegia o trabalho dito intelectual face ao manual – que não deixa de ter, porém, frequentemente, uma dimensão por exemplo geométrica ou matemática, química ou física, etc.). Além de que há ofícios perdidos ou esquecidos. Especialmente para a França, cf. HUMBERT, Jacqueline & Raymond — *Métiers oubliés*, Paris, Éditions France Loisirs, Édition du Chêne – Hachette Livre, 2003. De qualquer forma, os padeiros e o pão têm grande tradição mítica. Até na ligação com a justiça. Cf. o nosso *Direito e Tecnologia*, “Revista da Faculdade de Direito da Universidade do Porto”, vol. 8, pp.207 - 215, 2011.

*And although they are dexterous enough upon a piece of paper, in the management of the rule, the pencil, and the divider, yet in the common actions and behaviour of life, I have not seen a more clumsy, awkward, and unhandy people, nor so slow and perplexed in their conceptions upon all other subjects, except those of mathematics and music.*

Jonathan Swift<sup>3</sup>

Não sabemos se aos intelectuais verdadeiramente vinga a lenda de Tales de Mileto (contudo recebida pelo próprio Platão<sup>4</sup>), mesmo que contada não apenas na sua vertente anedótica ou jocosa, mas na sua integralidade, mais complexa.

Recordemos, muito brevemente, o essencial dessa estória tradicional, que o autor da *Politeia* considerou de algum modo exemplar.

Perdido nas suas lucubrações, Tales teria, reza a tradição, de olhos postos nos céus (decerto buscando inspiração), caído a um poço. Por não ver por onde ia, por não atender no chão que pisava – dirá a opinião vulgar.

Mas, em contrapartida, aqueles que (como aliás o Platão retratado por Rafael no fresco dito da “Escola de Atenas”<sup>5</sup>) apontam as alturas e às alturas, estariam de algum modo ressarcidos de fama, porquanto o referido Tales foi capaz também de um emblemático feito com consequências práticas: previu um eclipse, o que lhe teria trazido até proventos agrícolas, ao que parece.

Tales continua nessa imóvel eternidade da *Fama*, a olhar o céu. Os intelectuais de hoje talvez até nem mais muito o olhem já (como à natureza e à própria realidade quotidiana, normal), quando passam à pura trasladação de ossadas (como dizia Peter, do respetivo “princípio”<sup>6</sup>) e agora de simples *copy/paste* das respostas da Inteligência Artificial.

Ou então, há em alguns um ensimesmamento tão profundo que o seu próprio “eu” passa a ser constituído por uma malha de jargão complicado, abstruso, a muitos níveis incompreensível (e parece que sem vontade de se dar a entender), sempre de

---

<sup>3</sup> SWIFT, Jonathan — *Gulliver's Travels*, ed. de Ware, Wordsworth, 2001 (1.ª ed. 1726), III, 2, pp. 122-123.

<sup>4</sup> PLATÃO — *Teeteto*, 174 a).

<sup>5</sup> Cf. o nosso *O Tímpano das Virtudes*, Coimbra, Almedina, 2004 e bibliografia aí citada.

<sup>6</sup> PETER, Laurence / HULL, Raymond — *O Princípio de Peter*, trad. port. de M. Bento e Patrícia Joyce, Lisboa, Futura, 1973.

importação, e cuja tradução por miúdos (quando possível, o que nem sempre ocorrerá) se revelaria tautológica, rebarbativa, no mínimo...

O recentemente desaparecido Francisco Puy, catedrático da Universidade de Santiago de Compostela, escreveu (a partir de Espanha e mais concretamente da Galiza) linhas muito certeiras sobre essa fascinação basbaque pela produção intelectual estrangeira, título de nobreza mais distintivo ainda se supostamente lida pelo citador ou referenciador na própria língua “bárbara”, quer dizer, pela sua comunidade não facilmente inteligível (isso acrescentamos nós). Disse Puy haver um enorme fascínio no seu país (mas também o há em Portugal...) pelo que dizem e escrevem autores estrangeiros de nomeada. Porém, quando são traduzidos (e – dizemos agora nós – perdem a aura encantatória do idioma estrangeiro), desvanece-se em grande medida (não totalmente – atalharíamos nós também) essa veneração, porquanto acertam e erram, como qualquer *hijo de vecino*.

Poderá começar por dizer-se que talvez um dos primeiros males que se faz à excelente intelectualidade é a reverência acrítica, modista, seguidista, à intelectualidade menos boa – e até à de qualidade, que não precisa de epígonos e menos ainda de bajuladores e aproveitadores *pro domo*.

A má fama, e mais ainda um certo divórcio e desprezo das pessoas comuns pela intelectualidade (e tal não tem nada a ver com o tenebroso grito do “noivo da morte” general Millán-Astray na Universidade de Salamanca, atacando Unamuno<sup>7</sup>), decerto radicar-se-á no facto de que o labor dos letrados parece ao comum das gentes absolutamente diletante, sem qualquer aplicação prática, e não acudindo aos problemas e inquietações das pessoas normais, essas que trabalham, normalmente muito e sofredamente, para apenas sobreviver...

A verdade é que a reprodução dos ofícios intelectuais pode andar desregulada, sobretudo quando os orçamentos o permitem (e depois, em tempo de vacas magras, sobrevêm terríveis cortes cegos, até no que é culturalmente vital – como bem viu Churchill). Não são só professores que ensinam talvez demasiados futuros professores (apesar de as vocações docentes se encontrem hoje em queda, pelo desprestígio, mau salário e perigosidade até da profissão), bem se compreendendo que se tem de ensinar também quem faça algo diferente de apenas ensinar. São ainda professores que ensinam

---

<sup>7</sup> Sobre esse episódio, mitificado, mas esclarecedor, nos debruçamos numa passagem do nosso artigo *De la socio-culture actuelle. Un vol-d'oiseau d'un point de vue juridique-philosophique*, in “Revue Tunisienne des sciences juridiques et politiques”, vol. IX, no prelo.

futuros investigadores que podem não vir a investigar em matérias que interessam, úteis (mesmo *latissimo sensu*), e de forma inteligente, mas que se limitam a visitar, sem inovação, e por vezes até com plágio e agora imoderado uso da inteligência artificial, o que já foi dito e publicado. Ao mesmo tempo que parecem enclausurados nos estudos, os intelectuais (e sábios e afins) não olham em redor, assim desaproveitando inúmeras sugestões e inspirações do mundo cá fora... Mas já Guilherme de Conches verificava que o estudo da sabedoria reivindica para si o homem inteiro: não admite nenhuma partilha<sup>8</sup>.

Jonathan Swift satirizou admiravelmente essa intelectualidade autocentrada e alheia à realidade e aos outros na parte das *Viagens de Gulliver* (a terceira) consagrada à ilha voadora de Laputa<sup>9</sup>.

A crítica do irlandês não foi, obviamente, a primeira, nem seria a última. O *Elogio da Loucura*, de Erasmo, está atento também às loucuras dos letrados, e nomeadamente dos sábios, cuja petulância pretende igualar os deuses, tendo como não pequeno castigo a infelicidade: “Os homens que se entregam à sabedoria são de longe os mais infelizes. Duplamente loucos, esquecem que nasceram homens e querem imitar os deuses poderosos, e a exemplo dos Titãs, armados com as ciências e as artes, declaram guerra à Natureza. Ora, os menos infelizes são aqueles que mais se aproximam da animalidade e da estupidez”<sup>10</sup>. Já antes dele, por exemplo, João de Salisbúria verbera os problemas impossíveis com que alguns se deleitam, além dos desvanecidos com a vaidade da lógica<sup>11</sup>.

Entretanto, apesar de parecer haver muitos intelectuais sem atividade útil, deve reconhecer-se a falência escolar quanto à transmissão da cultura. Já em 1965 Indro Montanelli considerava que a cultura média (a que nós por vezes chamamos cultura geral) tinha sido depreciada e abandonada culposamente pela cultura oficial e universitária<sup>12</sup>. Qual seria hoje o seu diagnóstico?

O grande desafio que deve ser lançado, recordando que por vezes os intelectuais saíram das suas torres de marfim e da preocupação com o seu umbigo, será, não o de

---

<sup>8</sup> Apud JEAUNEAU, Édouard — *História Breve da Filosofia Medieval*, trad. port. de Miguel Freitas da Costa, Lisboa, Verbo, 1968, p. 69.

<sup>9</sup> SWIFT, Jonathan — *Gulliver's Travels*, cit., p. 115 ss..

<sup>10</sup> ERASMO — *Elogio da Loucura*, ed. port. com trad., prefácio e notas de Maria Isabel Gonçalves Tomás, Mem Martins, Europa-América, 1973, XXV, p. 64.

<sup>11</sup> Apud JEAUNEAU, Édouard — *História Breve da Filosofia Medieval*, cit., p. 69.

<sup>12</sup> MONTANELLI, Indro — *Advertência a Historia de la Edad Media*, de Indro Montanelli e Roberto Gervaso, trad. cast. de Francisco J. Alcántara, 8.ª reimp., Barcelona, Penguin, 2022, p. 11.

qualquer folclorismo, populismo cultural ou demagogia ideologizante e ideologizada, mas o de uma vera preocupação com a situação envolvente, os desafios da atualidade, e a sorte das pessoas reais e viventes.

Será interessante notar-se que vivemos crescentemente num mundo de substituição, de mediatização, de interposição entre o real e a pessoa, entre o palpável e o sentido, etc. Parece já terem tomado o lugar das autênticas e urgentes bandeiras um conjunto de causas de papelão, um pronto-a-vestir de inquietações que são afinal postizas, porque não sentidas. E não o sendo, não obterão respostas genuínas e prestáveis, pessoal ou socialmente válidas e úteis.

Há, assim, hoje, “grandes causas” que fornecem aos intelectuais um *Ersatz* de preocupação social e civilizacional, humanitária, etc. Cria-se até uma espécie de *kit* politicamente correto de inquietações (angústias seria demasiado...), reivindicações e posicionamentos, sendo ao normal observador bastante árduo distinguir o real e profundamente enraizado do superficial, colhido na “espuma dos dias” do fugaz, nos ares modísticos de cada dia.

É claro que as boas causas decerto não se deixarão contaminar pela adesão de “adesivos” oportunistas, que se pretendem na crista da onda de todas as ondas em voga. Só se uma boa causa, por paradoxo, acabasse por colher mais adesões insinceras e superficiais que autênticas e profundas. Mas tal constituiria uma irónica vitória de Pirro.

Não vale assim muito a pena (senão em última linha) estar a avaliar excessivamente o quilate dos apoiantes de uma ou de outra causa para a ela julgar. Uma boa ideia, uma solução excelente, pode estar rodeada de néscios, tontos, pérfidos, interesseiros, etc. Cremos que é por um julgamento semelhante que muitos candidatos políticos, sobretudo a lugares cimeiros, como os presidenciais (desde logo) afirmam com frequência aceitar indistintamente e sem aceção de pessoas os votos de todos. Os quais, aliás, se misturam anonimamente na obscuridade das urnas. Também é certo que do máximo de votos necessitam...

Se bem virmos o panorama mental, decerto possamos dar um grande salto de síntese, distinguindo afinal os que pensam com soberano desprezo pelo que se passa pelo mundo em redor, e quiçá aspirem à glória e à fama pela anfibologia e *crypticismo* dos seus escritos e intervenções orais, de um lado, e aqueles que, de outra banda, correm avidamente atrás das modas dominantes, prontos a jurar por cada nova divindade que emirja no momento.

Entre estes dois grupos estão os ótimos pensadores, literatos, artistas... que raciocinam (e sentem!) por si e olham em seu redor com interesse verdadeiro e solidariedade não retórica, mas atuante e empenhada – sem inverterem os valores, e fazerem do militantismo pelo militantismo o primacial das suas vidas e das suas obras. Muito respeitáveis, os militantes, os ativistas, são outro tipo humano, diverso do dos intelectuais. Podem confluír, e devem confluír em muitas ações, mas aos intelectuais cumpre inspirar os primeiros, e não substituir-se-lhes na sua atividade. No princípio não está a ação, está a inteligência. Sem esta, aquela é um risco, um perigo, e pode redundar numa tragédia.

Estes intelectuais, capazes de autonomamente conduzirem a sua mente e a sua vida, de construírem a sua obra, de inspirarem os práticos, e as pessoas em geral, merecem todo o louvor e por completo resgatam a honra da classe, se preciso fosse.

Mas nesse momento se coloca o problema inverso: será que o público em geral, desatento, habituado ao estereótipo do rato de biblioteca (ou da *Internet*) desgarrado da sociedade, ou aquele outro “tipo ideal” do guru *opinion maker* propagandista que mal se distingue de outros ativistas, será que esse chamado “grande público” consegue identificar o rasgo, a coragem, dos últimos intelectuais, inteiros, críticos, independentes e atuantes, no limite da sua função e do bom senso? Não poderá confundir os diversos protagonistas no palco da tragicomédia que parece viver-se?

Qual a marca distintiva, qual o sinal identificador, que estes intelectuais probos e sinceros, de mente desnublada e empenhamento prudente e ponderado, qual a bandeira que os mostrará como verdadeira parte integrante e benfazeja da sociedade e não, por outro lado, e nos antípodas, elitistas diletantes ou, no outro extremo, “falsos amigos do povo”?

Não ousemos avançar sugestões de critérios distintivos, porquanto as artes miméticas de muitos logo poderiam vir a revestir-se dessas qualidades e assim agravar a confusão.

Se as pessoas em geral se encontrarem alertadas para a não linearidade e naturalidade ou espontaneidade (e, por isso fiabilidade de princípio) dos produtos informativos, culturais e pretensamente culturais, se nelas houver uma saudável dúvida (mas não sistemática, destrutiva e niilista, antes aberta e descomplexada) não necessitarão de listas de indícios de *fake* nas notícias, na cultura, no pensamento...

O problema é saber se a educação, os *media*, a própria família consumista e laboralmente consumida de hoje (mas especialmente, no caso, os dois primeiros

vetores) não terão já inculcado nas pessoas, desde a infância, alguns preconceitos, tiques, hábitos, contrários ao exercício habitual e espontâneo do pensamento crítico, quer dizer, observador, avaliador e sem antolhos, julgando pela própria razão, e usando a intuição, mas não de forma caprichosa e subjetiva (quantas vezes *lato sensu* ideologizada).

Muitos autores, de António Sérgio a Eduardo Galiano, para dar dois bem diversos exemplos, salientaram que as pessoas iletradas podem possuir profunda cultura. O problema é saber se essa frescura mental, se essa disponibilidade de espírito que dá mais vasta respiração à inteligência e a faz exercer-se sem peias, se essa lógica ao mesmo tempo intuitiva e racional, ainda subsiste numa sociedade muito uniformizada pelos vetores mediáticos (e também escolares) de socialização. Quem quase nasce de telemóvel na mão e na cabeça, terá forças para deixar de viver a essa máquina curvado e reassumir a posição ereta?

Seria uma enorme perda cósmica (e metafísica, estamos em crer) se esta nossa espécie, no nosso planeta, poeticamente dito azul (e assim ainda visível dos céus para cá), sucumbisse a um desastre nuclear ou a uma guerra biológica generalizada... Cremos que disso não haverá dúvidas senão entre alguns marginalíssimos suicidas globais.

Mas também seria terrível, e decerto os deuses chorariam, se esta mesma espécie prescindisse do fogo de Prometeu, e se acomodasse à subserviência ao dado, eventualmente com o escape artificial de alguns venerarem uma marginalidade previamente formatada: afinal um *contra polo* tolerado (e até encorajado, à sua maneira) do *establishment* (como salientou Zizek).

Estamos em crer que tal ocaso do Homem, verdadeira morte do Homem, da sua Humanidade, não virá a ocorrer. A nossa gente terrena conserva o legado do grande titã dador do Fogo. Por isso, como ele, continua condenada (pelas circunstâncias, pela *natura rerum*, por alguns poderes – tudo isso simbolizará o decreto de Zeus e a execução de *Kratos* e *Bías*, o poder e a força, desde logo na versão de Ésquilo, *Prometeu agrilhado*<sup>13</sup>): acorrentada e com o fígado (com todo o seu simbolismo também) devorado por águias.

---

<sup>13</sup> ÉSQUILO (ESCHYLE) — *Prométhée enchaîné*, trad. fr. de Jean Grosjean, in *Tragiques Grecs. Eschyle/Sophocle*, Paris, ed. Pléiade, Gallimard, 1967, p. 191 ss. (1-103).

Porém, enquanto o suplício dura, persiste também a hipótese de sonhar com um Sísifo feliz (como apontou Albert Camus, ao culminar o seu *Mito de Sísifo*<sup>14</sup>).

Prometeu e Sísifo: dois mitos que podem exprimir simbolicamente o quão “a ferros” estamos (como diria Rousseau, no *Contrato Social*<sup>15</sup>). Mas também o reconhecimento dessa situação nos poderá ajudar a não acalentar ilusões, ajudando-nos a procurar encontrar formas de sair das cadeias. Por código genético se diria que almejamos sempre pela liberdade, pela superação da limitação e do constrangimento, sobretudo quando decorrente de arbitrariedade e injustiça.

E na encruzilhada sempre martela a recordação das possíveis vias, como no Hamlet de Shakespeare: “*Whether it is nobler in the mind to suffer The slings and arrows of outrageous fortune; Or to take arms against a sea of troubles*”<sup>16</sup>.

Em contraponto a esses mitos práticos e afirmativos, mas que acabaram mais ou menos mal (apesar de Quíron ter trocado a sua imortalidade pela vida de Prometeu<sup>17</sup>), o mito do Doutor Fausto parece condensar o trabalho e as aspirações intelectuais, mas o seu pacto com o diabo acabará bem (graças a Margarida...).

Numa nova síntese, diríamos que a questão está entre Fausto e Prometeu (porque este último traz a luz aos homens, enquanto o primeiro resvala para um pacto obscuro, ou com as trevas).

Por muita sedução que o primeiro possa exercer, o segundo tem outra nobreza e outro alcance. No primeiro mito, trata-se primacialmente de um drama pessoal, só depois é que se pode extrapolar com maior latitude. No segundo, está em jogo, desde logo, uma questão da Humanidade.

Não se ousará dizer que Prometeu seja uma figura de intelectual (embora tenha dado muita ciência à Humanidade – mas são dimensões diversas<sup>18</sup>). Além disso,

---

<sup>14</sup> CAMUS, Albert — *Le Mythe de Sisyphe*, trad. port. de Urbano Tavares Rodrigues e Ana de Freitas, *O Mito de Sísifo*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 152.

<sup>15</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques — *Le Contrat Social*, in *Oeuvres Complètes*, Paris, Seuil, 1971, 3 vols., vol. II, p. 518 (I, 1).

<sup>16</sup> SHAKESPEARE, William — *Hamlet, Prince of Denmark*, III, 1.

<sup>17</sup> Cf., por todos, GRIMAL, Pierre — *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*, 5.<sup>a</sup> ed., Paris, PUF, 1976, p. 397.

<sup>18</sup> Para dar apenas um exemplo, com esta questão pertinente: comentando o Teeteto de Platão, afirma significativamente KOYRÉ, Alexandre – *Introduction à la lecture de Platon*, Paris, Gallimard, 1963, trad. port. de Helder Godinho, *Introdução à Leitura de Platão*, Lisboa, Presença, 1979, p. 47: “Verificamos, com efeito – verificação que não perdeu ainda nada do seu valor – que ciência e filosofia são duas coisas distintas e que se pode ser um excelente sábio (*savant*) e fazer óptima ciência sem que se saiba minimamente o que se está a fazer. É mesmo quase sempre assim.”

certamente ainda não se encontra popularizada a figura do intelectual prometeico, amigo da Humanidade e por ela sacrificado, punido. Por isso, simbolicamente, e com a noção da fragilidade de uma tal opção, continuemos a utilizar ainda Prometeu para simbolizar (imperfeitamente) um intelectual ativo. Como *Prometeu* se chamou a revista cultural de Kol d'Alvarenga e Amorim de Carvalho, editada no Porto entre 1947 e 1952.

Uma prevenção, contudo, haverá que fazer-se. Há em Prometeu um cunho solar, voluntarista, que pode não ser próprio do estilo de todo o vasto e diversificado espectro de intelectuais. A sombra do claustro, ou mesmo das colunas da academia, apontam para uma *psique* mais introspectiva.

Embora defendamos a intervenção de pelo menos alguns intelectuais, ela não pode ser igual à do “homem de ação” puro e simples. Infelizmente, nos tempos que passam, a asfixia burocrático-hierárquica, armada de álibis e armas informáticas, deixa os intelectuais (ou a tal candidatos) exangues, tantas e tais as corveias impostas aos que exercem profissões conexas com o seu trabalho intelectual, e que dele deveriam ser meramente ancilares e jamais espartilhos ou constrangimentos.

Se, ainda há não muitas décadas, o intelectual poderia sê-lo com calma e probidade exercendo as várias profissões que com a sua condição de intelectual se revelavam compatíveis, hoje tal será muito discutível. Quiçá na grande maioria dos casos impossível.

Também muitos empregos intelectuais se deixaram aprisionar por economicismos e mediatizações, com grande perda de ponderação, profundidade, sentido e qualidade.

Há sempre, contudo, quem não seja intelectual por profissão ou por vaidade, mas por autêntica vocação, que vem de dentro, e assim, apesar de todos os cantos de sereia, de todas as traições e todas as repressões e constrangimentos, teime em pensar e criar e agir, porque isso lhe é natural como o respirar. Sabendo que, se o não fizer, parará de alimentar os pulmões.

Recebido para publicação em 21-10-24; aceito em 03-11-24